

Observando a imprensa pelo caso Mensalão: Joaquim Barbosa, Zé Dirceu e a construção de personagens em jornalismo¹

Cristina Paloschi Uchôa de OLIVEIRA²
Universidade de São Paulo. USP, SP

Resumo

Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado sobre a construção do relato jornalístico dos acontecimentos relacionados ao escândalo conhecido amplamente como Mensalão. O trabalho reúne amostragem de materiais publicados no site Observatório da Imprensa após a incidência da cobertura jornalística a respeito das investigações e julgamentos que marcaram o andamento dos procedimentos jurídicos oficiais relacionados às acusações. O objetivo da pesquisa é identificar as formas com as quais se faz a construção de uma agenda de crítica que fixa o relato já construído na cobertura primária, delineando personagens e seus traços para protagonizar e ilustrar os fatos jurídico-políticos relatados. Pode-se verificar que é bastante comum o uso de adjetivos, expressões e passagens de histórias de vida para caracterizar e reforçar a construção de personagens na prática de crítica de mídia.

Palavras-chave: Jornalismo; Mensalão; Observatório da Imprensa; Política; Supremo Tribunal Federal.

Texto do trabalho

Este artigo é parte de um estudo sobre a construção do relato jornalístico do escândalo político conhecido amplamente como Mensalão. A partir de uma entrevista, concedida ao jornal Folha de S.Paulo, publicada numa segunda-feira, 6 de junho de 2005 (LO PRETE, 2005, p. A-4), o então deputado federal Roberto Jefferson verbalizava em esfera pública pela primeira vez o termo que passaria a fazer parte do repertório político, jornalístico e cultural do país. A entrevista à repórter Renata Lo Prete trazia uma denúncia: o Governo Federal, por meio de um esquema engenhoso operado de dentro do gabinete da Casa Civil, pagava parlamentares para que votassem favoravelmente às pautas da agenda prioritária do Poder Executivo.

Mobilizaram-se quase todos os mecanismos de fiscalização existentes. Comissão Parlamentar de Inquérito, aparatos policiais, Ministério Público e, enfim, o Supremo Tribunal Federal. Teve início uma infinidade de ritos e procedimentos, envolvendo um número então recorde de pessoas investigadas, acusadas, julgadas e, muitas delas, condenadas. Em sua grande maioria, tratava-se de pessoas públicas, notórias ou notáveis, que haviam alcançado maior renome ao caminhar com o Partido dos Trabalhadores pela

1. Trabalho submetido ao GP Políticas e Estratégias de Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Mestranda do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: cristina.uchoa@usp.br.

primeira vez ao topo das instituições políticas do país. Assumiram o Governo Federal e, além disso, construíram uma forte base parlamentar.

Tinham em seu currículo a injusta eleição perdida em 1989 para Fernando Collor de Mello. Aquela disputada campanha eleitoral havia sido marcada, na reta final, pela edição tendenciosa do último debate entre os dois candidatos que concorriam no segundo turno, em seguida de um último programa eleitoral, em que eram reveladas de forma descontextualizada situações da vida particular do candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Foi favorecida assim a vitória de Collor (SANTA RITA, 2001, p. 96).

Collor mais tarde assumiria o papel de grande vilão da história contemporânea do país, em um mandato interrompido por um escândalo político de repercussão sem precedentes iniciado a partir de entrevistas à imprensa, concedidas pelo irmão do Presidente à revista VEJA, semanal impresso de maior circulação no país (CONTI, 1999, p.412).

Curioso ciclo, mas não original. A relação do jornalismo com escândalos políticos está longe de ser novidade. E o caso do Mensalão não foge a essa lógica.

No entanto, a observação do fenômeno do Mensalão tem relevância especial, devido à intensidade do impacto dos episódios políticos nas demais esferas do Estado. E no jornalismo. Sua repercussão institucional foi inédita, com o avanço e a sofisticação dos sistemas jurídicos acionados, chegando ao maior julgamento já visto – até o momento – na corte mais alta do país, com 38 réus em um mesmo processo criminal.

A mobilização do aparato dos meios de comunicação da área jornalística foi algo sem precedentes: só durante o julgamento, repórteres de dezenas de jornais, revistas e sites, bem como de diversas emissoras de televisão, revezavam em plantões para acompanhar três sessões plenárias por semana no Supremo Tribunal Federal, deparando-se com a necessidade de compreender e esclarecer termos jurídicos específicos do Direito Penal.

Colocava-se assim um desafio para o jornalismo brasileiro: como compreender e relatar ao público os desdobramentos e os significados de um volume inestimável de documentos, depoimentos, procedimentos, provas, argumentos, contra-argumentos, regras, teorias jurídicas e outros tantos artifícios do universo da justiça criminal? E, ainda, como navegar em meio a tantos procedimentos sem perder de vista a definição de um sentido maior e a perspectiva de uma conclusão satisfatória para a sequência de fatos?

Ora, fazendo o que o jornalismo faz e sempre fez: construindo histórias. Ou melhor: “tecendo histórias”, como prefere a professora da Universidade de São Paulo, Cremilda Celeste de Araújo Medina, autora da obra *A Arte de Tecer o Presente* (2003).

E, para se construir relatos, é preciso contar com personagens, porque não há fatos senão aqueles criados por sujeitos, determinados ou ocultos. E as personagens do Mensalão – que já eram pessoas notórias ou notáveis – ocuparam um espaço cada vez mais constante e demarcado para quem acompanhava o noticiário sobre o caso ao longo dos anos.

Neste contexto, o objetivo de um estudo centrado na produção da notícia sobre o Mensalão fica evidente. Trata-se de identificar as formas com as quais se fez o transporte dos acontecimentos da esfera jurídica para a arena midiática, construindo-se assim uma agenda de pautas e um palco com personagens que dominaram a cena do jornalismo, retroalimentando e influenciando o fenômeno de crescente judicialização da política e politização do judiciário³.

Foi escolhido o site *Observatório de Imprensa* como parte fundamental do objeto da pesquisa, respondendo à intenção de analisar a importância de um veículo dedicado também à prática da crítica de mídia. De acordo com a definição que consta oficialmente em seu site,

o *Observatório da Imprensa* é uma iniciativa do chamado *media-watching*, que surgiu nos Estados Unidos agregando-se às experiências anteriores do *ombudsman* e do *media-criticism* como forma de sensibilizar a comunidade e os profissionais da mídia para a complexidade da função jornalística na sociedade moderna⁴.

Trata-se de um espaço aberto à participação de jornalistas, leitores e outros interessados, mediado por uma equipe editorial que faz a seleção e o tratamento dos conteúdos enviados para publicação, como identificaram Afonso de Albuquerque, João Damasceno Martins Ladeira e Marco Antonio Roxo da Silva, em um estudo publicado na Intercom:

A fim de atender a esses objetivos, o Observatório da Imprensa se estrutura a partir da articulação de um conjunto de seções especializadas. Uma lista não exaustiva inclui seções tão diferentes entre si quanto O Circo da Notícia, espaço editorial do site, comandado por Alberto Dines, primariamente voltado para a exposição das concepções particulares do Observatório sobre questões relacionadas à ética e à responsabilidade social da imprensa; A Imprensa em questão, fórum de debates em torno de questões do media criticism, com ênfase para os desvios éticos da imprensa; Jornal de Debates, fórum de discussão sobre a comunicação mediada, percebida sob uma perspectiva mais genérica; o Diretório Acadêmico, espaço de discussão sobre questões relacionadas à formação dos futuros jornalistas e demais profissionais da comunicação; Qualidade na TV - dedicado a avaliações sobre o

³. As expressões judicialização da política e politização do judiciário são recentes no meio acadêmico, mas vêm sendo bastante utilizadas para discutir a efetividade da separação e do equilíbrio entre os três Poderes que compõem o modelo republicano, compondo um sistema de freios e contrapesos que garante a lisura do sistema público (GARAPON, 1999, p. 24, PEIXINHO, 2008, BARBOZA e KOZICKI, 2012, BARROSO, 2012, MOREIRA, 2013).

⁴. Ibidem.

conteúdo da programação de TV, não necessariamente apenas o jornalismo, mas também programas de entretenimento e o Caderno da Cidadania, dedicado a questões relativas ao universo do cidadão e do consumidor. (ALBUQUERQUE, LADEIRA e SILVA, 2002, p. 172)

Dessa maneira, o estudo apresentado no trabalho reúne amostragem de materiais publicados no site *Observatório da Imprensa*, ou seja, após a incidência da cobertura jornalística primária a respeito das investigações e julgamentos que marcaram o andamento dos procedimentos jurídicos oficiais relacionados às acusações.

Personagem e Jornalismo

O jornalismo produz e veicula o relato cotidiano de fatos (PEUCE, 2000) que tenham acontecido no que se pode chamar de arena pública ou espaço público. Afinal, trata-se de todos os acontecimentos que circundam ou impactam a vida de cidadãs e cidadãos.

A comunidade voltada para a construção de técnicas jornalísticas ao longo dos anos avançou na busca por formar e consolidar referências, parâmetros de objetividade e indicadores próprios, como as medições de espaços destinados a diferentes pessoas ouvidas como fontes e uso de fontes de informação de diferentes naturezas, sejam as documentais, as informacionais ou as de dados estatísticos, além das pessoais (LAGE, 2014, p. 62).

No entanto, para a construção dos materiais finais a serem publicados, nota-se que o jornalismo pouco se afasta da tradição voltada para a construção de relatos. E os relatos, como se sabe, giram em torno de pessoas, ou melhor, personagens.

O pesquisador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Muniz Sodré, revela algumas características sobre a construção da personagem no jornalismo:

Existem muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de *perfil* (SODRÉ, 1986, p. 125).

O *New Journalism*, por exemplo, assumiu o uso de estilos e recursos literários para a criação de peças jornalísticas, como relembra o professor da Universidade de São Paulo Edvaldo Pereira Lima, estudioso de jornalismo literário:

A exuberância narrativa do *new journalism* norte-americano marcou época, instigou corações e mentes a produzir reportagens de profundidade caracterizadas pelo intenso mergulho do repórter na realidade. Profissionais de merecida fama, como Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Norman Mailer, George Plimpton, Joan

Didion, Barbara L. Goldsmith, Rex Reed, John Sack e tantos outros, transformaram-se em referência inspiradora para novas gerações de narradores motivados a praticar um jeito diferente de fazer jornalismo (LIMA, 2003, p. 9)

No movimento *New Journalism*, a técnica de usar recursos literários era mobilizada com a intenção de criar uma atmosfera de credibilidade, sob a roupagem da verossimilhança, com a inserção de elementos de ambientação, sinestesia e detalhamento, detalhes icônicos e indiciais que terminam por reforçar o “efeito de real” das passagens relatadas, como ressalta o professor da Universidade de São Paulo Edvaldo Pereira Lima:

As mesmas técnicas que a literatura emprega, o jornalismo desses agitados anos 1960 acaba por dominar, mas seu espaço de relato é o real. (...) A estruturação do relato em cenas também aperfeiçoava uma qualidade única, específica do jornalismo. Quando produziam perfis humanos, os novos jornalistas como que grudavam com seus personagens, qual carrapatos, observando-os à exaustão, até que espontaneamente aconteciam as cenas do cotidiano realmente reveladoras do personagem, seu comportamento, suas atitudes, seu *status* de vida, suas contradições (LIMA, 2004, p. 205).

Nesse sentido, pode-se verificar que as histórias que formam a prática jornalística, ao usar das imprescindíveis personagens, também conjugam seu uso com algumas formas específicas da redação de relatos. Uma delas é a *construção de histórias de vida*, que pode se expressar na forma de perfil ou miniperfil jornalístico de alguém retratado, em suas diversas formas.

A esse respeito, o professor e pesquisador Sérgio Vilas-Boas (2003), da Faculdade Cásper Líbero, aponta como se dá o processo de construção de um perfil no jornalismo, diferente da produção de uma biografia literária:

(...) diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (no tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter (VILAS-BOAS, 2003, p. 41).

É importante também esclarecer o que se fala em textos ou trechos da modalidade perfil, em razão da diferenciação proposta por Muniz Sodré, ao afirmar que “em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida” (SODRÉ, 1986, p. 126). No mesmo trecho que dedica à explanação sobre perfil, indica que:

Nem sempre a reportagem por inteiro é um retrato só de um personagem. Além do exemplo de perfis incidentais, (...), existe o *miniperfil*, às vezes inserido em todo

tipo de reportagem. Nesse caso, como o destaque é dado aos fatos, à ação ou ao levantamento de dados, os personagens são secundários: o relato é interrompido para dar lugar a um enfoque rápido sobre eles, sob forma de narrativa ou curta entrevista (SODRÉ, 1986, p. 139).

Também Sérgio Vilas-Boas entende que a construção de um perfil independe de sua extensão física, afirmando que “o perfil jornalístico expressa uma trajetória humana, por mais sintético que seja” (VILAS-BOAS, 2003, p. 13).

Assim, o chamado perfil consiste na prática de mencionar aspectos pessoais e/ou psicológicos de uma pessoa retratada, seja incidentalmente ou por meio de um texto jornalístico inteiramente dedicado a isso. A produção de um perfil pressupõe a construção de uma personagem.

A professora, pesquisadora e diretora científica da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), Mônica Martinez (2016), autora da tese *Jornada do Herói: Estrutura Narrativa Mítica para a Construção de Histórias de Vida em Jornalismo* (MARTINEZ, 2008), sustenta que uma parcela importante do trabalho jornalístico, especialmente no caso brasileiro, consiste no uso de perfis em razão das raízes históricas da cultura ibérica e se intensifica com o fenômeno identificado como hiperindividualismo:

Isso já estava em Sérgio Buarque, quando ele fala que a forma de implantação de Brasil e de Estados Unidos é diferente. Isso talvez fique claro na questão das instituições. No caso brasileiro, sempre teve essa noção mais personalista. Quando você tem a implantação de um sistema de capitâneas hereditárias aqui, era "fulano ganhava aquilo porque era fulano, que vinha aqui e implantava". Então, não é que eles vinham para cá como no caso dos Estados Unidos, que eles montavam associações etc. O sistema era todo diferente. Portanto, isso tá na nossa estrutura. As pessoas, o indivíduo, ele tem uma predominância, isso anterior a esse mundo de celebridades e todo mundo buscando fama - o chamado hiperindividualismo, [nos termos] do Gilles Lipovetsky, e por aí vai. É muito próprio do nosso fazer. (MARTINEZ, 2016)

No contexto desse chamado hiperindividualismo, segundo Martinez, é essencial se comunicar por meio de histórias de indivíduos. Para ela, a construção de histórias de vida é um método de trabalho para se consolidar o já mencionado perfil ou biografia - coisas diferentes, embora similares. A professora defende que o uso de formas de relato baseadas em personagens que protagonizam ações é encorajado também pela grande receptividade desse formato entre quem as lê ou ouve.

De forma oposta ou complementar a essa visão multifacetada de cada pessoa retratada, observam-se no jornalismo algumas formas recorrentes de se retratar pessoas e suas qualidades, construindo-se e reconstruindo-se passagens de suas chamadas histórias de vida a cada ocorrência de sua citação que, em algumas passagens, podem reduzir uma série de variáveis e fatores a adjetivos ou analogias bastante simplificadas.

Observatório da Imprensa

O *Observatório da Imprensa* consiste em um site de internet complementado por um programa de televisão (transmitido via sistema de TVs Educativas), por um programa de rádio e alguns serviços, como um boletim diário gratuito enviado por e-mail para assinantes. Sua fundação aconteceu em 1996, por um impulso essencial do jornalista Alberto Dines, que captou a movimentação para consolidação das ideias centrais do chamado *media criticism*⁵ (crítica de mídia) nas áreas acadêmica e profissional da atuação em mídia que via em suas experiências em outros países.

Toda atividade de crítica pressupõe a observação constante como forma de monitoramento, percepção e análise. Assim, o *media criticism* é naturalmente relacionado ao chamado *media watching* (observação de mídia)⁶.

É importante notar que a noção de observação, sobretudo no tardio século XX, é bastante atrelada à sofisticação dos mecanismos que garantissem o controle social, de alguma maneira caminhando para a fiscalização multilateral, mas sobretudo no sentido da sociedade em face das instituições. Outro termo importante para compreender essa cultura de observação é o termo inglês *accountability*, que se refere à possibilidade de observação, transparência e dever de prestação de contas por parte das instituições.

Fundar um fórum de crítica de mídia no Brasil, para todo o grupo envolvido com a iniciativa, era uma maneira de reforçar uma mensagem subjacente de que a imprensa deveria ser tão *accountable* quanto todas as outras instituições do país. É isso que lembra Luiz Egypto, jornalista que fez parte desse grupo de consolidação do *Observatório da Imprensa*, atuando depois nesse veículo, em diversas funções, por 19 anos, até o dia 1º de julho de 2015.

⁵. CERQUEIRA, 2015. Entrevista concedida para esta dissertação, em 17 de outubro de 2015.

⁶. Um site que reúne matérias, resenhas e outras bibliografias a respeito de *media criticism* é o <http://criticism.com/md/>, criado pelo especialista em linguística com experiência em mercados editoriais dos Estados Unidos Steve Hoenisch. (Último acesso em 23 de junho de 2016)

O Observatório é caudatário, descendente direto da primeira manifestação de *media criticism* do Brasil, que é o Jornal dos Jornais, do Alberto Dines, que era uma coluna que circulou na *Folha de S.Paulo* todos os domingos, na página 6, de 6 de julho de 1975 a setembro de 1977. (...) lendo as colunas, elas são de uma atualidade assustadora, os temas que se levantam, os nomes recorrentes (...), porque o Dines - ele é muito preciso nesse tipo de coisa - traduziu muito bem uma experiência que teve nos Estados Unidos, quando foi professor visitante em Columbia, logo depois de ele ter sido demitido do Jornal do Brasil, quando era o rescaldo da renúncia do Nixon e se discutia muito o papel da imprensa naquele episódio e se discutia o chamado *checkbook journalism* (...). Era uma discussão grande e ele pescou aquilo. Pescou e aplicou, eu diria, em todas as manifestações subsequentes da vida profissional dele essa ideia da observação da imprensa, da mídia, essa ideia do *media watcher*, como uma forma de intervenção na própria mídia. (CERQUEIRA, 2015)

Ao servir como instância de revisão do noticiário por meio de um exercício feito pelo público consumidor das notícias, o *Observatório da Imprensa* opera como mecanismo de verdadeira realização do ciclo de comunicação pública e efetivação do direito à informação. Ao garantir o pluralismo e a multilateralidade do exercício da crítica, ao acolher a contribuição de olhares externos aos de quem atua na imprensa, cria-se uma esfera participativa na imprensa como instituição.

Pode-se dizer que o *Observatório da Imprensa* funciona como catalisador de um processo de controle externo e participação na permanente construção da própria imprensa, por meio do qual se pode vivenciar uma oportunidade de aprimoramento e legitimação do jornalismo como atividade de interesse público. E, ainda, ao se constituir em um espaço independente, desatrelado de um ou outro veículo de comunicação, o *Observatório da Imprensa* se valida como fórum autônomo para essa finalidade.

Ler o que se publica no *Observatório* é diferente de ler o que publicam, por exemplo, os Ombudsmen de um ou outro jornal, uma vez que cada Ombudsman (COSTA, 2006) é um jornalista que faz parte do corpo profissional de um jornal e que, assim, compartilha da visão, da cultura e da normatividade internas desse veículo.

Além disso, pode-se afirmar que o *Observatório da Imprensa* é uma plataforma que serve como possibilidade de perceber aquilo que o público leitor devolve, na forma de crítica, sobre a imprensa. Serve, portanto, como um elemento de análise de recepção da atividade jornalística, elemento importante para um estudo que pretende se aproximar da teoria do agendamento.

Por fim, é preciso ressaltar que ao servir como instância de revisão do noticiário publicado, os materiais do *Observatório* também servem como reiteração e seleção do que persiste na memória a respeito da produção jornalística sobre um determinado tema.

O Observatório da Imprensa e o Mensalão

Este estudo apresenta as principais resenhas ou críticas (MELO, 2003, p. 97) publicadas no site *Observatório da Imprensa* durante e após a cobertura jornalística dos procedimentos jurídicos oficiais relacionados ao caso do Mensalão.

Do ponto de vista metodológico, a proximidade com datas decisivas do caso foi o principal critério de seleção do *corpus* da pesquisa. Quatro momentos marcaram o processo e, assim, conduziram a cobertura jornalística:

- a) o oferecimento da Denúncia pela Procuradoria-Geral da República e sua aceitação pelo Supremo Tribunal Federal, em 2007;
- b) o início do julgamento, em 2012;
- c) o fim do julgamento, em 2013;
- d) atualidade considerada após o encerramento do processo (inclusive julgamento de recursos, em 2014) até os dias atuais.

Mostrou-se necessária a realização de um estudo preliminar, por meio do qual foram identificadas as principais personagens retratadas na cobertura jornalística pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* nas datas subsequentes às dos marcos a e b indicados acima. Chegou-se aos nomes de Joaquim Barbosa, ministro do Supremo Tribunal Federal relator da Ação Penal 470, sobre o Mensalão, e José Dirceu de Oliveira e Silva, ex-ministro da Casa Civil, que figurava entre os réus da Ação. Este estudo inicial, apresentado a seguir, facilitou a análise final das matérias publicadas no site *Observatório da Imprensa*.

Foram destacados 12 (doze) textos, seguindo a distribuição explicada no capítulo 1 desta dissertação: quatro delas mencionavam apenas Joaquim Barbosa, quatro, somente José Dirceu, e outras quatro traziam menção de ambos os nomes.

A seguir, apresentam-se trechos selecionados de algumas dessas matérias, opinativas (MELO, 2003), que evidenciam respostas às seguintes perguntas sobre os textos:

- a) O texto traz adjetivos, apostos e demais informações de ordem pessoal associadas à descrição de Joaquim Barbosa e/ou José Dirceu?
- b) Quais?

Uma informação que precisa ser apresentada desde já é o total de textos que fazem menção a adjetivo ou características pessoais (item b). Das 12 matérias estudadas, 10 confirmam essa ocorrência, representando um percentual de 83%.

Exemplificativo desse tipo de passagem é o trecho do texto de Mauro Malin *A caretice do noticiário*, em que caracteriza José Dirceu da seguinte maneira:

Na hora do tranco, ou seja, de aprovar no Congresso propostas importantes e polêmicas, o Planalto não soube administrar o pepino e inaugurou algo inédito, mesada em dinheiro, propiciada pelo cordial entendimento entre Delúbio Soares, tesoureiro do PT, e Marcos Valério, apresentado a Delúbio pelo então deputado federal petista de Minas Gerais Virgílio Guimarães, sob o olhar despreocupado de José Genoíno, presidente do partido, e muito atento de *José Dirceu, capitão do time*, e de Lula, o líder maior. (MALIN, 2013, sem grifos no original)

Nesse texto, especificamente, o autor faz uma análise geral do comportamento da imprensa, sem se referir a um veículo de comunicação. Diferentemente disso, em 2007 o mesmo autor usava uma referência expressa ao jornal *Folha de S. Paulo* para contextualizar, por meio da reprodução de um trecho de notícia publicada, quem seriam as pessoas envolvidas com o contexto das primeiras denúncias a respeito do caso Mensalão:

Leio a seguir trecho da célebre entrevista do então deputado Roberto Jefferson – ontem, por sinal, um dos apoiadores de Chinaglia – à jornalista Renata Lo Prete, publicada na *Folha de S. Paulo* em 6 de junho de 2005: “No princípio deste ano, em duas conversas com o presidente Lula, na presença do ministro Walfrido, do líder Arlindo Chinaglia, do ministro Aldo Rebelo, do *ministro José Dirceu*, eu disse ao presidente: Presidente, o Delúbio vai botar uma dinamite na sua cadeira. Ele continua dando ‘Mensalão’ aos deputados’. Que ‘Mensalão’?, perguntou o presidente. Aí eu expliquei ao presidente”. Ou seja, Chinaglia e Aldo, segundo Jefferson, jamais desmentido pelo presidente Lula, estavam presentes no dia em que foi feita a primeira reclamação quanto ao “Mensalão”. Devem ter achado aquilo natural. (MALIN, 2007, sem grifos no original)

Nessa matéria não se observa a ocorrência de nenhum adjetivo em especial, além do título de ministro atribuído a José Dirceu. Por sua vez, o texto de Carlos Castilho, intitulado *Mensalão como paradigma da complexidade informativa* utiliza uma forma sutil de estigmatizar a mesma pessoa, que agora tem a qualificação de ex-ministro: “Na verdade, poderíamos dizer que, em última análise, quem está sendo julgado no caso não são o ex-ministro *José Dirceu e seus mensaleiros*, mas também a própria imprensa.” (CASTILHO, 2013, sem grifos no original)

Ao fazer a opção pela expressão "e seus mensaleiros", o autor indica a intenção de inferir uma qualidade de superioridade ou liderança exercida por José Dirceu. Dado que, em 2013, a decisão condenatória do ex-ministro já havia sido proferida pelo Supremo Tribunal Federal, pode-se dizer que a expressão escolhida pelo autor do texto enquadra a personagem na condição de chefe de quadrilha - crime atribuído a José Dirceu, na condição de réu condenado.

Por fim, entre os textos que citam somente o nome de José Dirceu, indica-se o de Carlos Frederico Pereira da Silva Gama e Ariane Gervásio, posterior à conclusão final do julgamento, inclusive da fase recursal. Os autores dedicaram-se a analisar diretamente a personagem de José Dirceu conforme retratada em diversas coberturas jornalísticas relacionadas a escândalos políticos, incluindo o Mensalão. O título do texto evidencia essa intenção: *A prisão de José Dirceu e a crise de representação do PT*.

A prisão de José Dirceu na Operação Lava-Jato não foi trivial. Do ponto de vista simbólico, a segunda prisão de Dirceu – já preso graças ao Mensalão – cria um elo entre os dois escândalos, separados por uma década. A projeção do Mensalão sobre o Petrolão fere os ouvidos, cutuca feridas mal cicatrizadas. (GAMA e GERVÁSIO, 2015, sem grifos no original)

Por outro lado, os textos que se referem ao então ministro do Supremo Tribunal Joaquim Barbosa trazem caracteres mais comedidos e positivos. Em 2007, José de Souza Castro publicava um texto sobre o Mensalão comparando a cobertura jornalística dada ao chamado Mensalão mineiro. O autor menciona Barbosa apenas como ministro e dirige a ele uma expectativa republicana de garantia de prazo para aprofundamento de investigações e correção de falhas:

Espera-se que o ministro Joaquim Barbosa, do Supremo Tribunal Federal, a quem é dirigido o relatório do delegado Zampronha, tenha concedido um prazo maior para o aprofundamento das investigações e também para a correção de algumas falhas evidentes. (CASTRO, 2007, sem grifos no original)

Washington Araújo, em seu texto intitulado *A crônica de uma injustiça*, destinado a analisar uma outra personagem do caso Mensalão⁷, Luiz Gushiken, faz uma crítica geral aos meios de comunicação no tratamento dado a Gushiken. Em seu texto aparece uma menção com grande carga de reverência ao ministro Joaquim Barbosa e a sua função como relator da Ação Penal 470:

E é de ninguém menos que do próprio ministro relator Joaquim Barbosa o entendimento de que, à luz dos elementos constantes dos autos, “absolveria Luiz Gushiken, sem dúvida”. (ARAÚJO, 2012)

A menção não deixa de ser uma forma de realçar caracteres de superioridade e de respeitabilidade à autoridade do ministro. Um passo além disso, no entanto, dá o texto de Maurício Puls, publicado no *Observatório* como reprodução de uma crítica de jornalismo literário antes publicada no jornal *Folha de S.Paulo*. Ao fazer uma resenha de um livro

⁷. Neste estudo não considerada protagonista ou anáfora, em razão do estudo preliminar apresentado.

editado pelo jornalista Merval Pereira, Puls repete os termos escolhidos pelo autor do livro para elogiar Barbosa sem qualquer timidez:

Segundo o jornalista, a “torrente de provas reveladas pelo relator *Joaquim Barbosa, símbolo da Justiça eficiente*”, esvaziou as manobras da defesa, deixando a impunidade “com os dias contados”. (PULS, 2013, sem grifos no original)

Num terceiro momento, analisando os trechos de matérias que mencionam tanto o nome de Joaquim Barbosa quanto de José Dirceu, o contraste fica mais evidente. Em matéria produzida para o site Consultor Jurídico, posteriormente reproduzida no *Observatório da Imprensa*, por se tratar da cobertura de evento em que se discutia a atuação da imprensa, novamente as menções a Joaquim Barbosa são objetivas, sem adjetivos e restringem-se à menção ao seu cargo, enquanto as feitas a José Dirceu são mais acompanhadas de circunstâncias e detalhes que indicam o que e como se falava sobre o réu:

O advogado [de José Dirceu] falou com indignação quando *lembrou da aposta de uma garrafa de vinho feita entre os jornalistas Merval Pereira e Ronaldo Sardenberg (sic) quanto ao momento de prisão de José Dirceu*. “Não é possível que isso vá melhorar ou acrescentar à cobertura da imprensa”, disse José Luís (...) A colunista disse que duas declarações que ela colheu dos ministros Celso de Mello e *Joaquim Barbosa* podem servir de orientação para o debate quanto à influência da mídia, além de já responderem à questão. “Houve de fato uma interferência. Isso nas palavras de dois ministros que foram os que mais condenaram, os mais rigorosos e que não têm nenhuma ligação com o Partido dos Trabalhadores”, disse Mônica, que citou as seguintes frases. (...) Já a *citação ao ministro Joaquim Barbosa, refere-se a uma entrevista concedida em agosto do ano passado, quando o presidente do STF afirmou* que “a imprensa nunca deu bola para o Mensalão mineiro”. (BEZERRA, 2013, sem grifos no original)

Em texto publicado por Deonísio da Silva em 2012, destinado a analisar o vocabulário novo estimulado pelo caso Mensalão na imprensa, o autor evidenciava a diferença ente as maneiras de se referir a um e a outro em sua análise:

Ainda antes de ser levado a julgamento, que ora ocorre no STF, o “Mensalão” já resultou na queda de vários ministros e na cassação ou na renúncia de vários deputados, *incluindo o denunciado como chefe da quadrilha, o ex-deputado federal e então ministro José Dirceu*. (...) *O relator do processo no STF foi o ministro Joaquim Barbosa, o primeiro magistrado negro na mais alta corte do país*. (SILVA, 2012, sem grifos no original)

Por fim, em 2014, encerrado o ciclo de julgamento e cobertura do caso Mensalão, Bruno Bernardo de Araújo apresentava uma análise sobre comportamento da mídia que indica as formas contrastantes percebidas para retratar um e outro por parte da imprensa:

Há poucas semanas, o *Fantástico*, da TV Globo, anunciava uma reportagem, cujo título interpelou-me à primeira vista: “Manual da Corrupção Eleitoral”. Assisti ao programa com uma expectativa contida. Um dos elementos mais curiosos foi o fato de toda a reportagem girar em torno de uma personagem fictícia, Cândido Peçanha, apresentada como protótipo do político corrupto brasileiro. Um segundo episódio ocorrera, igualmente semanas atrás, por ocasião da ida de um grupo de parlamentares à penitenciária da Papuda com o objetivo de fiscalizar as condições carcerárias de José Dirceu. Ao passar por uma banca de jornal, em Brasília, a manchete do *Correio Braziliense* chamou a minha atenção: “Cela de Dirceu tem chuveiro quente, TV e micro-ondas”. Enquanto a lia, uma senhora de meia-idade aproximou-se de mim e, com ar de profunda revolta, destilou um “que absurdo!”. (...) Envolvido em abordagens como as da revista *Veja*, Dirceu fora apresentado como uma espécie de anti-herói, o vilão da sociedade brasileira. Ao contrário, o ministro Joaquim Barbosa foi vangloriado, transfigurado em herói do povo, “o menino pobre que mudou o Brasil”. (ARAÚJO, 2014, sem grifos no original)

Considerações finais

Pode-se dizer, a partir de uma leitura do quadro acima, que as qualificações escolhidas por autores dos textos opinativos no *Observatório da Imprensa* centravam-se mais em traços perenes ou passados do que em dados atualizados e relacionados com as questões tratadas no âmbito das acusações e julgamento do caso Mensalão. Pode-se abrir, com isso, um campo novo de comparação: o relato jornalístico, diferente do Direito Penal, enfoca o olhar sobre as pessoas em suas qualidades? No Direito, quando se trata da apuração e do julgamento de um crime, o que se observam são fatos e condutas realizadas para um determinado resultado (SHECAIRA, 2002). É possível estudar um contraste entre o procedimento assumido no campo jornalístico?

Centrando-se no que é possível responder, listam-se algumas proposições a respeito do estudo realizado:

1. Percebe-se a construção de personagens com menos camadas de complexidade em suas histórias de vida (MARTINEZ, 2016) nas matérias estudadas. As duas personagens principais identificadas ocupam posições antagônicas na escala de valores morais: um tem qualidades positivas ou neutras ressaltadas o outro tem apontadas ou reconhecidas características negativas.

2. Percebem-se mais ocorrências de qualificações para a personagem colocada com valores negativos. O repertório de adjetivos e expressões para caracterizar Zé Dirceu é maior e reúne mais alcunhas e expressões de fácil compreensão, assimilação e memorização. O caso mais emblemático é "esfinge".

3. A apresentação das características pessoais em um veículo de crítica tem a capacidade de revalidar e operar como redundância sobre as qualidades de cada personagem já construída na cobertura primária.

4. Os Observatórios, como no caso do *Observatório da Imprensa*, são espaços com potencialidade para reforçar construções feitas pela cobertura primária ou para fazer um exercício de reversão dessas construções. Existe margem para maximizar esse exercício (para uma direção ou outra) no que diz respeito à abordagem de personagens.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Afonso de, LADEIRA, João Damasceno Martins e SILVA, Marco Antonio Roxo da. **Media criticism no Brasil: o Observatório da Imprensa**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XXV, no 2, julho/dezembro de 2002. Intercom
<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/427/396> - acesso em 7 de julho de 2016.

ARAÚJO, Bruno Bernardo. **Cobertura personificada e legalista da corrupção política**. Site *Observatório da Imprensa*. 01/07/2014 na edição 805.

ARAÚJO, Washington. **A crônica de uma injustiça**. Site *Observatório da Imprensa*. 15/08/2012 na edição 707.

BARROSO, Luís Roberto. **Direito e Política: a Tênu Fronteira**, 2012

CASTRO, José de Souza Castro. **Rastreamento de dinheiro leva ao ninho tucano**. *Observatório da Imprensa*. 25/09/2007. Edição 452.

CASTILHO, Carlos. **Mensalão como paradigma da complexidade informativa**. Site *Observatório da Imprensa*. Em 03/08/2012

CERQUEIRA, Luiz Egypto. Informações fornecidas pelo autor em entrevista pessoal em São Luiz do Paraitinga, em 17 de outubro de 2015.

_____. **A inspiração e a alma**. *Observatório da Imprensa*, 24/03/2016. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/oi-20-anos/a-inspiracao-e-a-alma/> - acesso em 4/6/2016.

CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

COSTA, Caio Túlio. **Entre o cosmo sangrento e a alma pura**. *Observatório da Imprensa*, 14/04/2016 na edição 898. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/observatorio-da-imprensa-20-anos/entre-o-cosmo-sangrento-e-a-alma-pura/> - último acesso em 4 de junho de 2016.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

GAMA, Carlos Frederico Pereida da Silva e GERVÁSIO, Ariane. **A prisão de José Dirceu e a crise de representação do PT**. Site *Observatório da Imprensa*. Em 08/08/2015 na edição 862

GARAPONT, Antoine. **O Juiz e a Democracia: o Guardião das Promessas**. São Paulo: Juris, 1999

LADEIRA, Francisco Fernandes. **A conjuntura política e o papel da grande mídia**. Site *Observatório da Imprensa*. 29/04/2014 na edição 796

LAGE, Nilson. **A Reportagem**. São Paulo e Rio de Janeiro: Record, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário: o legado de ontem**. In RIO DE JANEIRO (CIDADE). Secretaria Especial de Comunicação Social. *New Journalism: a reportagem como criação literária*. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003 (Cadernos de Comunicação. Série Estudos. Volume 7). Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf> - acesso em 23 de junho de 2016.

_____. **Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

LO PRETE, Renata. **Jefferson denuncia mesada paga pelo tesoureiro do PT**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 Jun. 2005. Brasil, Caderno A, p. 4. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69402.shtml>. Acesso em: 10 Mai. 2015.

MALIN, Mauro. **Chinaglia, Aldo e o “Mensalão”**. Site Observatório da Imprensa. Em 02/02/2007

_____. **A carece do noticiário**. Site Observatório da Imprensa. Em 10/08/2013 na edição 758

MARTINEZ, Mônica. Informações fornecidas pela autora em entrevista pessoal em Barueri, em 30 de março de 2016.

MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **A Arte de Tecer o Presente**. São Paulo: Summus, 2003.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª Edição revisada e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003

PEUCE, Tobias. **Os relatos jornalísticos**. Tradução de Paulo da Rocha Dias, com introdução do tradutor. Revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n.33, p.199-204, 1º Semestre de 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812> - acesso em 11 de junho de 2015

PULS, Mauricio. **Livros reconstituem processo do Mensalão**. Site *Observatório da Imprensa*. 04/06/2013 na edição 749

SANTA RITA, Chico. **Batalhas Eleitorais: 25 Anos de Marketing Político**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SHECAIRA, Sérgio Salomão; CORRÊA JÚNIOR, Alceu. **Teoria da Pena: finalidades, direito positivo, jurisprudência e outros estudos de ciência criminal**. São Paulo: RT, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus 2003.